

# EDITORIAL



Anunciou-se, numa nota de abertura do número de Março de 1958 desta Revista, que se estavam a envidar esforços para tornar regular a publicação do órgão científico da Sociedade Portuguesa de Química e Física, remodelando-o no sentido que fosse julgado aconselhável. Depois disso, publicaram-se onze números com colaboração vária, quase toda ela constituída por artigos com trabalhos originais de químicos portugueses. Persistia, porém, uma das grandes dificuldades para manter a Revista com aspecto gráfico condigno e, sobretudo, para completar a parte científica original com outras secções, como as de crítica de livros, informações científicas e químico-técnicas, artigos de actualização, etc. Essa dificuldade era a limitada verba de que a Sociedade Portuguesa de Química e Física podia dispor para a publicação da sua tradicional Revista no sector da Química.

Porém, há cerca de um ano, o responsável por esta publicação teve conhecimento de uma louvável iniciativa da Ex.<sup>ma</sup> Administração da Sociedade Anónima Concessionária da Refinação de Petróleos em Portugal (Sacor), a qual estaria disposta a contactar outras empresas portuguesas cuja actividade industrial se processasse no campo da química, propondo-lhes que, com a Sacor, contribuíssem monetariamente para manter uma revista portuguesa de química, com bom nível científico e técnico.

À sugestão de que se tomasse como base desse objectivo a Revista da nossa Sociedade, desde que esta incluísse, como aliás estava na sua inicial feição, não só trabalhos de ciência pura como também de química aplicada, correspondeu amavelmente a Sacor com a sua concordância, em princípio, tomando sobre si o encargo de transmitir a sugestão

às outras empresas, às quais simultâneamente pedia colaboração para a sua tão oportuna iniciativa.

Este apelo foi, até agora, generosamente correspondido por treze das entidades consultadas, cujos nomes vêm em lugar de honra neste primeiro número da nova fase da Revista. Com os louvores que são devidos à esclarecida intervenção da Sacor e à pronta resposta recebida das outras empresas contribuintes, vão os rendidos agradecimentos da Direcção da Sociedade, que assim vê concretizada a sua aspiração de valorizar e ampliar o âmbito da «Revista Portuguesa de Química».

Além de tudo, esta colaboração com a indústria química nacional é um grande incentivo, que vai repercutir-se principalmente no nosso meio científico e técnico.

Simultâneamente cai uma pesada responsabilidade sobre os ombros daqueles que vão ocupar-se da realização de tão útil propósito.

Não há a ilusão de que este primeiro número represente completamente o que se tem em mente, mas não convinha atrasar mais a sua publicação e o tempo era escasso para delinear e executar um plano inteiramente satisfatório. Para além disso, está ainda a outra grande dificuldade com que lutam todas as publicações periódicas portuguesas de índole técnica e científica: a escassez de material condigno, não tanto pelas limitações do nosso meio técnico e científico, mas principalmente pelos dois motivos seguintes, para os quais queremos chamar a atenção dos nossos colegas:

1) A falta de hábito de publicar os resultados dos trabalhos próprios, quer da parte dos investigadores quer, principalmente, da parte dos técnicos da indústria, engenheiros e seus auxiliares. Ora felizmente temos em Portugal, no ramo da química aplicada, distintos especialistas em número apreciável, trabalhando em empresas onde se respira um ar saudável de progresso e cujas instalações fabris e laboratórios se podem pôr a par do que há de bom noutros países. Admite-se que haja certas áreas de actividade desses técnicos que não convenha expor à curiosidade dos outros especialistas. Mas, no estado actual da ciência técnica, essas áreas são cada vez mais restritas e fora delas há muito material de experiência e de estudo que, sem prejuízo, mas, antes, com utilidade para todos, se pode dar à estampa. As próprias empresas têm interesse nisso, pois que,

*valorizando o trabalho dos seus técnicos, se valorizam a elas próprias, ao mesmo tempo que são úteis à colectividade. Note-se o número crescente de artigos publicados nas revistas estrangeiras da especialidade, subscritos por engenheiros das mais importantes empresas. Note-se, ainda, como nos congressos dos vários ramos da química industrial são precisamente os laboratórios, os gabinetes de estudo e as fábricas dessas empresas que dão contribuição mais substancial para a actividade que os informa. Esta contribuição, geralmente materializada na apresentação de comunicações de índole científica ou técnica, tem de ser hoje em dia considerada como um dever social e é ao mesmo tempo a melhor credencial das empresas junto das organizações internacionais que agrupam os «oficiais do mesmo ofício».*

*Não se investiga sòmente nos laboratórios, pois a investigação, tal como a cultura, é hoje fundamentalmente uma atitude do espírito que preside a todas as actividades, oficiais ou privadas, desinteressadas ou com fins lucrativos, que queiram progredir, isto é, que estejam dispostas a sobreviver no mundo actual da técnica.*

*Parece pois salutar que se vá arreigando entre nós a ideia de que, para servir bem a indústria em que trabalha, o engenheiro ou o químico que nela se emprega tem de ter, paralelamente à sua actividade puramente profissional, uma actividade de investigador, sempre pronto a tirar partido da sua experiência do dia a dia para aperfeiçoar e desenvolver o sector que lhe é confiado. E o princípio de escrever o que de útil resultar para os outros, dessa sua experiência meditada, dar-lhe-á hábitos de método, precisão e lógica, ao mesmo tempo que valoriza a empresa que ele serve.*

*Exterior à área dos chamados segredos industriais, cada vez mais restrita e efémera, quanta matéria de real utilidade se perde «a mal da Nação», por falta desse princípio que ainda perdura no nosso meio técnico!*

*A propósito da nossa Revista, faz-se assim um apelo aos nossos colegas para que se esforcem por adquirir esse hábito e pede-se às empresas, especialmente àquelas que nos distinguiram com a sua contribuição, que incitem os seus técnicos a publicar o produto da sua experiência e das suas investigações, desde que recebam, para isso, a autorização das respectivas administrações. Só desta maneira os res-*

ponsáveis pela publicação da «Revista Portuguesa de Química» poderão corresponder às responsabilidades que uma parte da indústria química portuguesa, com clarividência e generosidade, lhes pôs sobre os ombros. Nesta esperança, contamos com que os números subsequentes da Revista tendam pouco a pouco para um equilíbrio entre a massa de artigos puramente científicos e os de índole técnica, equilíbrio que, neste primeiro número, não foi possível conseguir.

2) O segundo motivo diz principalmente respeito às Universidades e aos organismos oficiais que tenham no seu âmbito actividades no ramo da química pura ou aplicada.

Cada Faculdade ou Escola, cada Instituto sente-se na obrigação de ter uma publicação periódica própria e até, por vezes, essa obrigação consta da lei. Ninguém discute a legitimidade do facto. Mas, pergunta-se: haverá vantagem em que os professores, os investigadores ou os técnicos publiquem aí os seus trabalhos da especialidade? Ou será preferível que se sirvam, para esta publicação — com reserva de resenhas gerais de actividade — de revistas de cada especialidade e as respectivas separatas sejam depois reunidas em volume com o nome do organismo geral a que respeitam, como fazem os mais esclarecidos centros de investigação mundiais?

O problema tem a maior acuidade num país como o nosso, em que a massa de artigos científicos e técnicos não é muito grande.

A adoptar-se a primeira solução, não parece possível em Portugal manter uma revista periódica, por exemplo, de química, pois as numerosas revistas privadas absorvem largamente mais de 50 % da massa publicável.

O problema é aliás bem conhecido e não nos deteremos na sua apreciação. Notaremos apenas que essa primeira alternativa é simultaneamente a mais dispendiosa e a que pior serve a expansão da cultura portuguesa no ramo das ciências chamadas positivas. Uma revista onde apareçam simultaneamente artigos de matemática, física, química, mineralogia, zoologia, botânica, etc., não poderá conseguir a permuta com a grande maioria das revistas estrangeiras especializadas, isto é, com aquelas que interessam verdadeiramente aos nossos investigadores.

*É a segunda solução que parece a mais sensata. E deve fazer-se justiça a algumas entidades oficiais que espontâneamente a adoptaram já, como nos parece ser o caso, por exemplo, do Laboratório Nacional de Engenharia Civil.*

*A «Revista Portuguesa de Química» já dirigiu um apelo a alguns organismos de investigação, de criação mais recente, e que naturalmente não têm ainda fixado doutrina a tal propósito, como a Junta de Energia Nuclear e o Instituto Nacional de Investigação Industrial. Pediu-lhes que, pelo que se refere aos trabalhos de Química, dessem preferência à sua publicação na nossa Revista, prontificando-se a estudar em conjunto, para cada caso, um tipo de capa para cada separata e a adoptar outras medidas conducentes à fácil integração dessas separatas em volumes próprios dos organismos em causa.*

*Estendemos agora aqui o mesmo apelo a todas as entidades de índole análoga, estaduais ou privadas, certos de que prestamos assim um real serviço à química portuguesa e, ao mesmo tempo, tornamos possíveis economias sensíveis nos orçamentos privados desses organismos.*

*Ainda umas palavras finais, em especial dirigidas às empresas que, pela sua valiosa iniciativa e contribuição, tornaram possível o ressurgimento da nossa Revista. Já tivemos ocasião de dizer que este primeiro número representa apenas o início de uma experiência que, em números subsequentes, se procurará ir aperfeiçoando. Se nos for permitida uma linguagem profissional, diremos que não se trata ainda de um «exame final», mas apenas de uma primeira «prova de frequência». Pedimos, pois, que como tal seja considerado. E pedíamos-lhes ainda — e esta solicitação é extensiva a todos os nossos demais leitores — uma outra contribuição que também nos é indispensável para poder atingir o nosso objectivo: as suas críticas e os seus conselhos.*

A. HERCULANO DE CARVALHO